A minha amiga Aliette é uma cidadã do mundo. Particularmente do de língua oficial portuguesa.

Tocada pela aprendizagem da conceção universalista dos povos quer a falam, cultivou a nossa fala pelo exercício da profissão de jornalista que abraçou. Daí à paixão pela literatura foi um passo. Um passo que se completou com a artista plástica que é.

Não estranhei, por isso, o telefonema que me fez dando-me conta da intenção de uma amiga, Filomena Afonso, em publicar um livro de poemas, adiantando-me logo o título “Poemas em tempo de guerra”.

A amizade entre ambas assenta em raízes com um tronco comum – a ligação a África e particularmente a Angola, de onde a Filomena é natural.

Este facto não me poderia ser indiferente. Desde que me conheço que invoco a minha própria dupla pertença, a angolana e a portuguesa. E porque ninguém pode renegar a mãe, como muitas vezes invoco, assumo-me luso-angolano.

Daí não ter hesitado em responder positivamente ao convite para prefaciar o livro “Poemas em tempo de guerra”. Só posteriormente, pela autora, tive acesso a estes, confirmando o que a amiga Aliette me havia transmitido. Sente-se terem sido escritos na idade da adolescência da autora, refletindo as interrogações próprias dessa idade. Escritas quando essas interrogações se confrontavam com a guerra colonial, em Angola, há neles a incompreensão da realidade, como no poema TODOS OS DIAS, ou mesmo o cansaço dela resultante, como exprime num outro poema CANSAÇO.

Depois há o desabrochar da amizade em versos que a têm por título num outro, até ao desalento e desânimo do rumo próprio. A Filomena deu a este poema e, apropriadamente, o título SEM RUMO.

Claro que o desabrochar dos sentimentos que nessa idade explodem têm tradução em vários poemas como o GOSTAR DE TI, sentimentos esses que não escapam ao próprio título do livro.

Mas é também de sentimentos, de outra natureza, que a Filomena escreve no poema MÃE, testemunho dos alicerces que tem seguramente, no reconhecimento da importância da maternidade.

O livro conduz-nos para a memória afetiva da nossa própria adolescência, o que não é questão menor neste período hedonista e de valorização dos mercados, que marginaliza princípios e valores. É útil e positivo revermo-nos nas interrogações desse tempo e, sobretudo, quando essa revisão se suporta em poemas escritos numa linguagem direta e simples. Que é o mais difícil de fazer.

Vítor Ramalho